**Tudo é trânsito, passagem e fluxo**

**Erika Danielle Pereira dos Santos - Assistente Social, especialista em Projetos Sociais e Políticas Públicas-** [**erikasesocial@gmail.com**](mailto:erikasesocial@gmail.com)

**Felippe Miranda Ribas - Médico generalista.** [**felippemribas@gmail.com**](mailto:felippemribas@gmail.com)

**Fernando Junio Cardoso Duarte - Psicólogo, mestrando em Psicologia Social.** [**psifernandojunio@gmail.com**](mailto:psifernandojunio@gmail.com)

**Laura Cristina de Souza Chagas - Assistente Social, especialista em Atenção Basica - Saúde da Família-** [**laurachagas17@hotmail.com**](mailto:laurachagas17@hotmail.com)

**Maria Sílvia de Jesus Nunes - Enfermeira.** [**mariasilvia.jmeira@gmail.com**](mailto:mariasilvia.jmeira@gmail.com)

Este texto é construído por várias mãos, mãos essas que tecem os cuidados no Consultório na Rua Noroeste. Neste escrito tentamos dar palavras para a sensibilidade que percebemos no encontro equipe-usuário e nas diversas produções artísticas percebidas. A arte torna- se instrumento e ferramenta que surge enquanto estratégia de cuidado no âmbito do Consultório na rua, efetiva- se um espaço seguro para trocas com pares e para com a equipe, estabelecendo relações e vínculos duradouros a quem se apossar desse movimento que é capaz de elencar trocas culturais, históricas, sociais, econômicas, étnicas raciais e afins.

Potente espaço construído a inúmeras mãos, de saberes e fazeres plurais, estabelecidos em ambientes hostis e/ou convidativos a quem chega, da amarelinha ao ensaio fotográfico, do nanquim ao papel e caneta, do teatro ao circo, mas o pano de fundo será sempre uma proposta de cuidado elaborada pelo coletivo e de acordo com a singularidade de cada pessoa atendida.

A disposição da equipe do Consultório na rua tem como estratégia a escuta ativa com o usuário onde o arte-educador em conjunto com a equipe de saúde estabelece um diálogo no qual os processos artísticos e sensibilizadores em arte que perpassam a vida do usuário eclodem. Uma leitura de um livro, uma novela, um desenho visto, um fazer artístico manual, um filme, todos são sensibilizadores artístico culturais. Esta escuta não está somente no diálogo, muitas vezes ela acontece simplesmente por ter um material disponível como papel e lápis de cores, por exemplo. É uma escuta/leitura/trocas/sensibilizadores ampliada de leitura do território, leitura da equipe, leitura do usuário.

Ao pensarmos em um conceito ampliado de saúde, a arte-educação chega enquanto um facilitador de vínculos e de acesso às artes, contribui ainda para a manifestação do eu projetada no estar e fazer artístico. Sendo propositor de uma ação ou receptor observador de uma ação artística. Os instrumentos e manifestações artísticas tornam-se facilitadoras e sensibilizadores em tecer caminhos para os profissionais no campo do cuidado possível ao sujeito usuário do serviço de saúde da atenção primária.

Se configura assim um campo amplo de ação da equipe do Consultório na rua onde a arte é a mobilizadora de trocas de conhecimento com o território e seus usuários e o arte-educador um facilitador na condução das ações de trocas e fazeres artísticos.

Abrindo o espaço do acolhimento e não da imposição, somando aos demais serviços de saúde no cuidado ao usuário, aproximando saberes, reflexões, potencialidades, ideias construtivas nas relações humanas e uma oportunidade de debruçarmos sobre os dramas da vida.

A atuação profissional em cena, se assemelha à uma dança que segue o passo do rápido e imprevisível movimento da rua, embebido de suas regras e culturas heterogêneas.

O coletivo de artes- educadores do Consultório na Rua atribui que as oficinas ofertadas em cena possuem a finalidade de:

[...] propiciar mudanças psíquicas, tais como a expansão da consciência, o autoconhecimento, o autocuidado, o intervalo no uso de substâncias, a ampliação de acesso, entre outros. Há, portanto, dentro da dinâmica das equipes a possibilidade de ofertas de oficinas, individuais ou coletivas, abordando diversas temáticas, dentre essas: cuidado com o corpo, construção de autonomia e sensibilização para tratamentos em saúde, ocupação singular do território. [...] Pensar em oficinas que possibilitam, pelo viés da arte, estratégias de construção, amarração, elaboração, identificações e referências de cuidado com os corpos. Intervenções em atos de diferentes formas e ofertas para convidar o sujeito a pensar como se tem habitado o seu corpo. (Arquivo pessoal do Consultório na Rua, 2023)

E é diante do mencionado que se desvela a potencialidade do instrumental artístico na cena da rua, absorvendo o que é produzido naquele espaço enquanto arte popular e orgânica, embebido de experiências valorosas e dolorosas, adaptado ao real e ao sonhado.

A equipe propõe atividades artísticas que podem orientar a escuta, promover saúde e ampliar acesso. A arte vaza onde o recurso da palavra não consegue ser usado. Cria vínculos que mais tarde se traduzem em demandas em saúde direcionadas, nos presenteando com outras possibilidades de comunicação. A elaboração de atividades de arte precisam ser pensadas em coletivos e individualmente, não podem ter sobre premissa a exclusão de participantes. É um espaço para pensar propostas inventivas, criar junto, fazer a arte no coletivo.

A arte também é presente no modo de viver das ruas, nas surpresas de uma vida nômade, andarilha que se movimenta em espaço aberto, sem paredes, móveis ou tetos, onde tudo é trânsito, passagem e fluxo. A necessidade de sobrevivência faz com que muitos se tornem artesãos, num simples ato de transformar um material descartável em matéria-prima para criação de pequenos objetos usados em nosso cotidiano, como desentupidores de fogão, criação de peças decorativas feitas em metal, colares e pulseira, dentre outros. O simples ato de cultivar um jardim abaixo de um viaduto ou compor uma canção em momentos de atendimentos da equipe, mostra como a arte pode deixar um espaço muitas vezes hostil, em algo mais leve e bonito para quem ali vive ou transita.

O cuidado em saúde não deve ser realizado apenas pelo viés clínico, é preciso expandir as práticas de cuidado, enxergar o usuário em sua totalidade, a partir de seus relatos e experiências. A atividade artística em campo muitas vezes se torna a porta de entrada para a realização de um atendimento e vinculação no território. A oferta do cuidado que antes se apresentava distante, se torna real e possível.

**Referências**

CONSULTÓRIO NA RUA BELO HORIZONTE. Caderno de Arte Educação. Arquivo pessoal. Belo Horizonte; 2023.